

Meios de vida e livelihoods: aproximações e diferenças  
conceituais

Márcio de Araújo Pereira<sup>1</sup>

Marcelino de Souza<sup>2</sup>

Sérgio Schneider<sup>3</sup>

**Resumo**

*Este artigo tem por objetivo, a partir das origens teóricas, a compreensão conceitual do termo “meios de vida” de Antonio Candido, a quem se refere e qual seu real significado e aplicabilidade nos dias atuais na compreensão dos meios de vida rurais, verificando-se sua correlação com a perspectiva “livelihoods”. Utiliza-se para este fim a versão mais recente de “Os parceiros do Rio Bonito”, buscando-se na perspectiva livelihoods, os parâmetros comparativos para elucidar o pioneirismo dos estudos do cientista social Antonio Candido na compreensão das transformações dos meios de vida rurais na metade do século XX.*

---

<sup>1</sup> Administrador de Empresas (UFMS), Doutorando em Desenvolvimento Rural (PGDR/UFRGS), pesquisador bolsista da FUNDECT/MS, pesquisador da AGRAER/MS. Endereço eletrônico: marcioapereira@gmail.com

<sup>2</sup> Engenheiro Agrônomo (UEL), Doutor em Engenharia Agrícola (UNICAMP), professor do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural (PGDR) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Endereço eletrônico: marcelino.souza@uol.com.br

<sup>3</sup> Sociólogo (UFRGS), Doutor em Sociologia (UFRGS), Pós-Doutor (Cardiff University-Walles), professor do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural (PGDR) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Endereço eletrônico: schneider@ufrgs.br

*Conclui-se, com base nos dados e informações utilizados no ensaio, que os meios de vida propostos por Candido, não eram e não são os mesmos livelihoods propostos por Chambers, Conway, Ellis e Scoones, tratando-se de outra proposta, aplicada noutros contextos, sob outras óticas, embora com finalidades próximas, o que não exclui seu conceito da genealogia da perspectiva livelihoods, ao contrário, inserindo-se em um de seus ramos e braços como experiências localizadas e bem sucedidas.*

**Palavras-chave:** Meios de Vida, Desenvolvimento Rural, Ciências Sociais.

### **Abstract**

*This article aims, from the theoretical origins, a conceptual understanding of the term "meios de vida" by Antonio Candido, to what or whom it refers and which is its real meaning and applicability in current understandings of rural livelihoods, verifying its correlation with the "livelihoods perspective". For this purpose, it's applied the latest version of "The partners of Rio Bonito", searching into the livelihoods perspective, such comparative parameter to elucidate the pioneering studies by social scientist Antonio Candido in the understanding of rural livelihoods transformations in the middle of the XX century. Based on the data and information applied in the assay, the "meios de vida" proposed by Candido, weren't and aren't the same "livelihoods" proposed by Chambers, Conway, Ellis and Scoones, although attending another proposal, applied in diferent contexts, from others perspectives, but with the same goals, which however does not exclude the concept from the livelihoods perspective genealogy, unlike, inserting it in one of its branches and arms as located and successful experiences.*

**Keywords:** Livelihoods, Rural Development, Social Sciences.

## **1. Introdução**

Ao iniciar suas investigações em 1947, o cientista social Antonio Candido de Mello e Souza não tinha a dimensão do impacto que sua tese, "*Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira brasileiro e a transformação dos seus meios de vida*", teria nos estudos brasileiros

sobre as sociedades tradicionais. Mais ainda, conforme entrevista à Revista Brasileira de Ciências Sociais (PONTES, 2001), considerou que seu trabalho defendido em 1954 era “fraco e precisava ser retocado”, não permitindo que José Olympio<sup>4</sup> o publicasse imediatamente na coleção “Documentos Brasileiros” ainda no ano de 1955. Candido concluiu que a decisão “foi uma tolice”, pois a obra foi publicada em 1964 “sem alteração ponderável, a não ser simplificação de linguagem e coisas menores, quando a sociologia já tinha avançado muito aqui e ela deixara de ter o impacto que poderia ter tido em 1954 ou 1955” (PONTES, 2001, p. 26).

Também, em princípio, ao inscrever-se para doutorado, sua intenção não era investigar essencialmente o “caipira” e os seus meios de vida, mas sim os norte-americanos que vieram depois da Guerra de Secessão e fundaram a cidade de Americana ou mais tarde como Willems<sup>5</sup> lhe sugeriria, os alemães da região de Santo Amaro, ambos os temas dentro dos processos de aculturação. Entretanto, como afirmara, “a coisa não ia nem vinha” quando Roger Bastide<sup>6</sup> lhe pediu para recolher em Piracicaba, junto com um grupo de alunos, dados sobre o caruru (dança e canto dos caipiras) e sobre os “línguas de fogo” (nome dado aos pentecostais). A experiência foi decisiva na escolha por um novo assunto o qual considerou mais próximo de seu conhecimento e experiência de vida, a relação do cururu com a urbanização. Desta forma, retornou várias vezes a Piracicaba e sua zona rural, recolhendo material suficiente para escrever cem páginas no ano de 1946. A tese então se chamaria “Poesia popular e mudança social”, porém percebeu que sem conhecer música seria impossível estudar efetivamente uma manifestação fundamentalmente musical. Somente em 1950, abandonou o caruru e aproveitou noutro sentido o material recolhido, de forma que o que deveria ser a parte inicial da tese, uma vista geral sobre a cultura caipira, tornou-se a própria tese, baseada sobretudo no trabalho de

---

<sup>4</sup> (10/12/1902\*–3/05/1990†) Fundador da editora Livraria José Olympio Editora.

<sup>5</sup> Emilo Willems (1905\*–1997†) Cientista social alemão, radicado no Brasil e, sucessivamente, nos Estados Unidos. Prof. de Antropologia da USP de 1941 a 1949 e da Vanderbilt University, em Nashville. Membro da American Anthropological Association.

<sup>6</sup> (01/04/1898\*–10/04/1974†) Sociólogo francês, Prof. da USP.

campo na zona rural de Bofete, com investigações de 1948 a 1954 (PONTES, 2001).

Enfim estaria cunhado o termo “meios de vida”, não somente no título da tese ou no livro homônimo, mas no decorrer de toda a obra, em cada seção que procurava atender ao seu objetivo principal, “conhecer os meios de vida num grupamento de caipiras: quais são, como se obtêm, de que maneira se ligam à vida social, como refletem as formas de organização e as de ajuste ao meio” (CANDIDO, 2003, p. 21). Contudo, quais argumentos remetem a discutir a utilização de um termo adotado por um cientista social brasileiro ainda na década de 1950? Sobretudo, quais seriam as conexões com os estudos atuais do meio rural? Aparentemente poucos ou não propriamente interrelacionados, muito embora Candido (2003) tenha meticulosamente descrito os meios de subsistência do caipira paulista, seus hábitos, suas relações sociais, seu consumo alimentar, sua cultura, ou seja, suas necessidades de vida.

Nesse sentido, o objetivo deste artigo não é se concentrar nos aspectos metodológicos, descritivos ou literários da obra, mas nas origens teóricas e na compreensão conceitual do termo “meios de vida”, a quem se refere e qual seu real significado e aplicabilidade nos dias atuais na compreensão dos meios de vida rurais, verificando-se sua correlação com a perspectiva “*livelihoods*”, emergência conceitual esta atribuída a Chambers e Conway (1992) no artigo “*Sustainable rural livelihoods: practical concepts for the 21st century*”. Para atender ao objetivo, utiliza-se como referencial a versão mais recente de *Os parceiros do Rio Bonito*, publicada em 2003, 10ª edição, acrescida de material iconográfico inédito, porém mantendo sua originalidade textual. Em contraponto ao conceito de meios de vida de Candido (2003), busca-se na perspectiva *livelihoods* os parâmetros comparativos para elucidar o pioneirismo dos estudos do cientista social Antonio Candido na compreensão das transformações dos meios de vida rurais na metade do século XX.

## 2. O problema do conceito

O que são “meios de vida”? Seriam o mesmo que meios de subsistência? Há alguma aproximação com a perspectiva *livelihoods*, conceito proposto por Chambers e Conway (1992)? Seriam os “meios de vida” os mesmos *livelihoods* adotados atualmente, ou apenas abstrações histórico-literárias de um período extremamente rico na formação de sociólogos e cientistas sociais no Brasil, na qual seu mérito reside na exploração de um “mundo rural”, até então pouco ou nada estudado pelas universidades brasileiras? Talvez sejam bem mais que os questionamentos propostos, talvez não haja correlação entre ambos os conceitos.

O problema reside na aproximação interpretativa dos conceitos, suas similaridades, aplicações e sob qual contexto histórico foram elaborados e desenvolvidos. Trata-se de compreender sob quais circunstâncias e influências teórico-ideológicas Antonio Candido passou a descrever as transformações dos meios de vida do caipira paulista, e de como e em quais dimensões pode-se caracterizar seu estudo como sendo pioneiro na perspectiva *livelihoods*. Scoones (2009) também questiona a emergência genealógica do “pensamento *livelihoods*” simplesmente atribuída a Chambers e Conway (1992), ao contrário, aponta que há uma rica e importante história que vêm dos anos 1950, ou mais, onde uma perspectiva *livelihoods* transdisciplinar influenciou profundamente o pensamento e prática do desenvolvimento rural.

A questão principal a ser respondida é se os estudos pioneiros de Antonio Candido podem também ser incluídos na genealogia transdisciplinar da perspectiva *livelihoods*, ou se são referenciais completamente distintos que impedem uma aproximação entre ambos os conceitos. Outro problema advém da tradução do termo *livelihoods* para o idioma português, que em sentido estrito é “subsistência” (CAMBRIDGE, 2009), tradução literal esta que pode incorrer no dimensionamento equivocado de seu real significado, ou seja, os “meios de vida”. Considerando-se que este ensaio não se detém em estudos morfológicos lingüísticos e não tem como pretensão “cunhar” novos termos e expressões, para fins comparativos o termo *livelihoods* será mantido em todo o texto sem tradução afim de não se confundir com os “meios de vida” disseminados no estudo de Candido (2003).

### 3. Dos parceiros do rio bonito aos *livelihoods*

#### 3.1. Antonio Candido e as transformações dos meios de vida

Está em Karl Marx (1947) a fundamental influência intelectual de Antonio Candido, a quem dedica expressamente sua obra e a quem atribui a “consciência da importância dos meios de vida como fator dinâmico, tanto da sociabilidade, quanto da solidariedade que, em decorrência das necessidades humanas, se estabelece entre homens e natureza, unificados pelo trabalho consciente” (CANDIDO, 2003, p.14). Nesse sentido, homem e natureza estão indissolavelmente conectados a um mesmo processo o qual se desenrola como “História da Sociedade”. Assim, considera a obra *A Ideologia alemã (Die deutsche ideologie)*, de Marx e Engels (2007), decisiva para as partes iniciais de seu estudo. Candido, então, captura de Marx a concepção de que se conhece apenas uma única ciência, a “ciência da história”, dividida em história da natureza e história da humanidade, entretanto não divididas enquanto existirem homens, ou seja, a “história dos homens e natureza condicionam-se mutuamente” (SCHMIDT, 2005, p.163).

Em *A Ideologia alemã* é proposta a capacidade de produção dos seus meios de vida como ponto de partida para a interpretação da ação dos homens, ou seja, objetivando criar condições materiais de sua existência, os indivíduos, a partir do seu trabalho, utilizam e transformam o estado determinado em que se encontram as forças produtivas. Promovem, assim, sua própria vida social, resultado de uma ruptura, a maior divisão do trabalho, bem como o aprofundamento do intercâmbio, material e espiritual, entre as sociedades (LEFEBVRE, 1971).

De Robert Redfield<sup>7</sup> (1941), a partir da obra *The folk culture of Yucatán*, Candido extrai a compreensão do contínuo “rural-urbano” e de como focalizar a mudança de cultura nas sociedades rústicas. À época da elaboração da obra de Candido, ainda não haviam sido publicadas obras fundamentais e importantes da bibliografia de Redfield, tais como, “*The role of cities in economic development and cultural change*” (1954) e “*The little community*” (1956), contudo o esquema do *continuum folk-urbano*, desenvolvida a partir de sua experiência no México, já era um avanço por não considerar os grupos de camponeses como isolados e não conectados com as vilas e cidades (TAMBIAH, 1997).

Ao livro *Hunger and work in a savage tribe*, da antropóloga social Audrey Richards<sup>8</sup> (1932), lido em meio às pesquisas, credita-se a possibilidade de estudar sociologicamente a alimentação humana sob uma base lúcida, porém simplificadora do funcionalismo de Malinowski<sup>9</sup> (CANDIDO, 2003). Na antropologia contemporânea, o método de descrição e coleta de material etnográfico desenvolvido por Malinowski (1944) continua importante para pesquisadores que desejam realizar etnografia, principalmente quando a pesquisa é referente a povos tradicionais (GIUMBELLI, 2002). Candido não cita especificamente em sua obra a utilização do método etnográfico de Malinowski, mas critica a simplificação do funcionalismo e inclui em seu referencial bibliográfico o livro *A scientific theory of culture and other essay* (1944).

Outra forte influência presente em *Os parceiros do Rio Bonito* deve-se à leitura de *Les structure elementaires de la parenté* (1949), de Claude Lévi-Strauss (professor da USP entre 1935 e 1939), considerado por Candido, já anos 1950, como um dos monumentos centrais da sociologia contemporânea. A obra *Tristes trópicos* (1957), resultado da expedição de Lévi-Strauss à região central do Brasil, ainda não estava publicada a tempo de Candido incluí-la como referência a sua tese, porém inclui o artigo “*La vie familiale et des indians nanbikwara*” (1948) em seu

---

<sup>7</sup>(4/12/1897\*-16/10/1958†) Antropólogo americano teórico do organicismo positivista, foi um dos primeiros a estudar o fenômeno da aculturação. Adaptou temas sociológicos à antropologia.

<sup>8</sup>(08/07/1899\*-29/06/1984†) Antropóloga social britânica pioneira nos estudos da fome na África Subsaariana.

<sup>9</sup>(07/04/1884\*-16/05/1942†) Bronisław Kasper Malinowski, considerado um dos fundadores da Antropologia Social. Fundador da Escola Funcionalista.

referencial bibliográfico, já indicando sua inclinação aos escritos do etnólogo francês sobre os estudos de família (estruturas de parentesco), conhecimentos estes fundamentais também no processo descritivo do caipira (PEIXOTO, 1998).

Dos autores brasileiros, apenas são citados como influências intelectuais os trabalhos de Sérgio Buarque de Holanda, em específico *Monções* (1945) e “Índios e mamelucos na expansão paulista” (1949), posteriormente incorporado ao livro *Caminhos e fronteiras* (1957), aos quais credita a revelação “da fecundidade dos pontos de vista ecológico e tecnológico para o estudo do povoamento de São Paulo”, principalmente em relação ao “aproveitamento dos recursos naturais para ajuste ao meio, ao ritmo da fusão de raças e culturas” (CANDIDO, 2003, p.15).

A riqueza quantitativa do referencial teórico presente em *Os parceiros do Rio Bonito* vai além dos poucos autores citados até aqui, porém, a riqueza qualitativa dos autores a quem Candido explicitamente aponta na introdução de seu trabalho como “influências intelectuais”, a começar por Marx (1947, 2007), na construção dos seus meios de vida como ponto de partida para a interpretação da ação dos homens, passando pelo “*continuum folk-urbano*” de Redfield (1941), seguida da preocupação com a alimentação de Richards (1932), com as estruturas familiares elementares de Lévi-Strauss (1949) e finalmente com as preocupações ecológicas presentes nas obras de Holanda (1945), demonstram quão fundamentadas foram a pesquisa e análise dos dados coletados na sua área de estudo.

Baseando-se nestas influências intelectuais, Candido (2003, p.21) desenvolve no capítulo “Os problemas dos meios de vida”, os alicerces conceituais que nortearão todo seu trabalho, já indicando a combinação livre de sociologia e antropologia, sobretudo para investigar os povos primitivos reunidos em pequenos grupos homogêneos. Para o autor, “os meios de vida não podem ser separados dos conjuntos das reações culturais, desenvolvidas sob o estímulo das necessidades básicas” (2003, p.35), remetendo-se novamente a Marx (1947), citando-o para marcar sua posição sobre os meios de vida, refutando a dicotomia homem-natureza, procurando compreender a vida social a partir da satisfação das necessidades, não apenas do ângulo natural, para satisfazer ao

organismo, mas também do ângulo social, como forma organizada de atividade:

A maneira pela qual os homens produzem seus meios de subsistência depende, antes de mais nada, da natureza dos meios de subsistência que encontram prontos e que necessitam produzir. Este modo de produção não deve ser considerado apenas como reprodução da existência física dos indivíduos; ele já é uma espécie determinada da atividade destes indivíduos, uma determinada maneira de manifestar sua vida, uma determinada maneira de viver destes indivíduos (Marx, apud Candido, 2003, p.31).

Para Candido, a importância deste ponto de vista consiste em colocar o fato social da organização no âmago da discussão dos problemas de subsistência. Complementa sua discussão, então, com Malinowski (1944), o qual demonstraria que a satisfação das necessidades já se situaria em pleno terreno institucional, desta forma, “as necessidades básicas não apenas dão lugar a reações culturais (*cultural response*) mas estas originam novos tipos de comportamento, que se tornam necessidades derivadas, indissolavelmente ligadas àquelas” (MALINOWSKI, apud CANDIDO, 2003, p.31).

Candido, então, conclui completando a formulação inicial, afirmando que a obtenção, para cada grupo, do equilíbrio entre necessidades e os recursos do meio, depende dos tipos de organização que forem desenvolvidas neste sentido. Para melhor expor tal realidade indivisa, sugere que há dois agrupamentos necessários a tal equilíbrio: a) a descoberta de soluções que permitam explorar o meio físico para obter recursos de subsistência; b) o estabelecimento de uma organização social compatível com elas. Finaliza assim sua reflexão citando Goodfellow (1939, p.260), para quem “o homem não precisa apenas de comida, mas de uma organização para obtê-la”.

A tese como um todo conclui que a industrialização, a diferenciação agrícola, a extensão do crédito, a abertura do mercado interno provocaram uma nova e mais profunda revolução na estrutura social de São Paulo. Em decorrência dos recursos modernos de comunicação, do

aumento da densidade demográfica e da generalização das necessidades complementares, encontram-se frente a frente homens do campo e da cidade, sitiados e fazendeiros, assalariados agrícolas e operários, abruptamente reaproximados no espaço geográfico e social, interagindo em um universo que desvenda cruelmente as discrepâncias econômicas e culturais. Nesse diálogo, de múltiplas vozes, a mais fraca e menos ouvida era certamente a do caipira que ainda resistia às transformações.

### **3.2. A genealogia da perspectiva *livelihoods***

A perspectiva *livelihoods* assumiu posição central no debate e pensamento do desenvolvimento rural na última década, disseminando-se para além das fronteiras europeias, tornando-se vital para a compreensão da realidade rural dos países mais pobres, ou seja, um olhar para um mundo real para tentar compreender os eventos a partir de uma perspectiva local (SCOONES, 2009). Para Scoones (2009) os *livelihoods* agrupam díspares perspectivas, permitindo um diálogo disciplinar e profissional múltiplo e provendo uma função institucional de transição, conectando pessoas, profissões e práticas em novos caminhos. Contudo, onde está a real origem desta perspectiva? O que uniu tantos profissionais ao seu redor e porque exatamente neste momento histórico? Pretende-se, portanto, nesta seção, resgatar suas origens, a partir dos estudos de Scoones (2009), afim de que se possa obter parâmetros para comparar as raízes dos “meios de vida” de Antonio Candido e a gênese conceitual da perspectiva *livelihoods*.

Há um consenso, pelo menos entre autores tais como Ellis (2000), Haan e Zoomers (2005), Scoones (1998, 2009) e Niehof (2004), de que os modernos estudos dos *livelihoods* encontraram sua inspiração intelectual no conceito proposto por Chambers e Conway (1992), uma interpretação na qual se refere aos meios de se ganhar a vida, incluindo as capacidades de subsistência, ativos tangíveis tais como estoques e recursos intangíveis tais como reivindicações e acesso. Esta definição, com poucas alterações, é utilizada por diversos pesquisadores que

adotaram esta perspectiva (ELLIS, 2000; SCOONES, 1998). No entanto, Scoones (2009), a despeito das reivindicações genealógicas, sustenta que tal perspectiva não surgiu subitamente em 1992, a partir da influência de Chambers e Conway. Estaria aliás, bem além disso, presente em uma rica e importante história que remonta aos anos 1950, ou mais, onde uma perspectiva *livelihoods* transdisciplinar influenciou profundamente o pensamento e prática do desenvolvimento rural. Haan (2000) avança mais ainda no tempo e atribui a primeira versão do que hoje seria a perspectiva *livelihoods* à noção de *genre de vie*<sup>10</sup> introduzida por Vidal de la Blanche<sup>11</sup> no século XIX.

O período pós Segunda Guerra Mundial não foi propício às formulações e expectativas de avanço do incipiente do conceito de *livelihoods*, o qual praticamente desapareceu dos estudos e pesquisas geográficos pela não proximidade com pensamento vigente à época dominado pelas abordagens da teoria da dependência e neo-marxistas. Prevalciam neste período, as teorias modernizantes e perspectivas mais mono-disciplinares, sendo as políticas amplamente mais influenciadas pelos economistas do que pelos generalistas do desenvolvimento rural e administradores de base do passado (HAAN; ZOOMERS, 2005; SCOONES, 2009). Dessa forma, as fontes alternativas do conhecimento das ciências sociais foram postas de lado, em particular a transdisciplinar perspectiva *livelihoods*.

Apesar da aparente estagnação na evolução da perspectiva *livelihoods* até o início dos anos 1980, quando a perspectiva estruturalista entrou em crise e houve a necessidade de se encontrar um aporte pós-marxista, algumas abordagens, tais como *village studies*<sup>12</sup>, análises de gênero e economia doméstica, sistemas de pesquisa da agricultura, análise dos agroecossistemas, avaliações participativas, estudos de mudanças sócio-ambientais, ecologia política e estudos de sustentabilidade e resiliência ofereceram diversas perspectivas na forma complexa como os *livelihoods* interconectam-se com os processos políticos, econômicos e ambientais a partir de uma vasta amplitude de abordagens (SCOONES, 2009). Superada a transição dos anos 1980, a chamada abordagem orientada

<sup>10</sup> “Tipos de vida”. Tradução nossa.

<sup>11</sup> (22/01/1845\*-05/04/1918†) Geógrafo francês, considerado o fundador da moderna geografia francesa e da Escola Francesa de Geopolítica.

<sup>12</sup> “Estudos das Aldeias”. Tradução nossa.

ao ator ressurgem nos estudos sobre desenvolvimento, e chega aos anos 1990 constituindo a atual abordagem dos meios de vida (PERONDI, 2007).

Neste ensaio, parte-se de três momentos conceituais de *livelihoods*: o primeiro, considerado um marco moderno nos estudos do tema, proposto por Chambers e Conway (1992); o segundo, conceito complementado por Ellis (2000, p.10), o qual sintetiza que os *livelihoods* “compreendem os ativos (capital natural, físico, humano e social), as atividades e o acesso a estes (mediados pelas instituições e relações sociais) que juntos determinam os ganhos de vida pelos indivíduos ou unidades domésticas”. Ainda neste segundo momento acrescentam-se as proposições de Haan e Zoomers (2005), que consideram o poder uma variável explanatória importante na abordagem dos meios de vida, bem como trajetórias (caminhos e percursos) como uma metodologia apropriada para a análise. Para estes autores, a perspectiva *livelihoods* teria mais força se abordasse a questão do acesso na pobreza e se utilizasse os *insights* da sociologia do desenvolvimento e estudos de gênero (relações). Por fim, um terceiro estágio conceitual é aprofundado por Scoones e Wolmer (2003), para os quais:

Uma abordagem dos meios de vida sustentáveis encorajou [...] uma profunda e crítica reflexão. Isto emerge particularmente da observância das conseqüências dos esforços de desenvolvimento a partir de um nível de perspectiva local, criando links do nível micro, particularidades localizadas nos meios de vidas dos mais pobres, para um amplo nível institucional e estruturas políticas ao nível do distrito, estado, nação e mesmo internacional. Portanto tais reflexões colocam acentuado relevo à importância de complexos arranjos governamentais e institucionais, bem como das principais relações entre os meios de vida, poder e política. (Scoones; Wolmer 2003, p.5; Scoones, 2009, p.20, tradução nossa).

Na visão de Scoones (2009), para prosseguir como uma aplicação relevante, a perspectiva *livelihood* necessita investigar mais e concretamente questões acerca dos quatro temas destacados acima:

conhecimento, políticas, escala e dinâmica. Há positivamente em torno destes quatro temas uma nova agenda para os *livelihoods*, o que não significa abandonar um compromisso com os contextos localmente enraizados. Porém é preciso repensar, produzir novas ferramentas, reengajar, e desenhar produtivamente, a partir de outras áreas de pesquisa, experiências para enriquecer e revigorar a perspectiva *livelihoods* para novos desafios contemporâneos. O revigorado *livelihoods* requer basicamente o reconhecimento das dinâmicas das mudanças mais a inclusão dos temas desta nova agenda, o que representaria uma real mudança para o desenvolvimento rural no futuro.

Resgatando-se portanto, estas visões e conceitos, ainda que de forma resumida, dada a profundidade do tema abordado, bem como consideráveis e importantes interlocutores da abordagem ou perspectiva *livelihoods*, pretende-se, a partir dos autores citados, construir um referencial de análise para se identificar pontos de intersecção entre os estudos das transformações dos meios de vida desenvolvidos por Antonio Candido no Brasil e os estudos desenvolvidos na Europa, não se restringindo somente aos conceitos modernos de *livelihoods*, mas também seu formato pré Segunda Guerra Mundial, período no qual ainda encontrava terreno fértil para sua análise aplicação.

#### 4. Eram os meios de vida “*livelihoods*”?

Wittgenstein<sup>13</sup> (2005) já dizia em sua reconhecida frase que “a fé no nexo causal é uma superstição”, afirmação esta que permite e impulsiona o eixo de interpretação das gêneses dos meios de vida, subsistência, modos de vida, formas de ganhar, ou, numa tradução livre do termo *livelihoods*, conforme o *Cambridge Dictionary* (2009), “the way someone earns (a forma como alguém ganha, alcança, conquista, merece)<sup>14</sup>. Apresenta-se de fato a utilização de um termo cunhado

<sup>13</sup> Ludwig Joseph Johann Wittgenstein (26/04/1889\* - 29/04/1951†). Filósofo austríaco considerado um dos maiores do século XX.

<sup>14</sup> Tradução nossa.

“meios de vida” no Brasil nos anos 50, algumas vezes citado como subsistência, no corpo da obra de Candido, e sua representação formal, traduzida do idioma inglês para o português somente no ano de 1999, por meio do documento do Governo Britânico, “*Department for International Development - Dfid; Institute of Development Studies – IDS*”, onde o termo *livelihoods* é simplesmente tido como “meio de vida” (PERONDI, 2007).

Simplificador, restritivo, diminuto, fragilizador ou não do real sentido da palavra “*livelihoods* inglesa, tem-se aí um ponto de convergência, ao menos lingüístico, entre os “meios de vida” de Antonio Candido (2003) e os *livelihoods* Chambers e Conway (1992), que coloca o primeiro em posição pioneira na utilização do termo, ao menos entre os pesquisadores brasileiros, pois o autor explicitamente refere-se aos meios de vida como uma forma de obtenção, maneira de se ligar à vida social, formas de organização e de como o indivíduo se ajusta ao meio. Não há em toda a obra nenhuma referência à palavra sustentabilidade da mesma forma como Chambers e Conway (1992) referem em seu clássico conceito, ausência esta justificada pelo contexto histórico, porém não poucas vezes cita o que chama de “ajuste ecológico”. Permanece, neste sentido, ainda que de forma incipiente, a primazia da utilização do termo “meios de vida” para analisar a realidade de um grupo de pobres rurais, reconhecidos como caipiras, investigando-se não somente como ganham suas vidas, mas como se organizam e se adaptam para tal. Neste item portanto, na composição do sentido lingüístico, os meios de vida de Candido assemelham-se aos meios de vida do relatório traduzido do IDS.

Os meios de vida compreendem as capacidades, os ativos (incluindo os recursos materiais e sociais) e atividades de um meio de vida. Um meio de vida é sustentável quando ele enfrentar e recuperar-se de tensões e choques, manter ou melhorar suas capacidades e ativos, embora não comprometendo a base de seus recursos naturais (Adaptado por Scoones, 2009, p.4, tradução nossa).

Contudo, se há por um lado uma aproximação léxico-lingüística dos termos, não se pode afirmar o mesmo em relação às gêneses ideológicas, ao menos nas influências e nas raízes dos conceitos de Chambers e Conway (1992), Ellis (2000) e Scoones (1998, 2009), mesmo que seus objetivos e intenções aparentemente assemelhem-se em um primeiro momento ao proposto por Candido (2003). O autor de *Os parceiros do Rio Bonito* é influenciado diretamente por Karl Marx, em específico pelo livro *A Ideologia alemã*, o qual, em síntese, propõe a capacidade de produção dos seus meios de vida como ponto de partida para a interpretação da ação dos homens, sendo um fator dinâmico, tanto da sociabilidade, quanto da solidariedade que, em decorrência das necessidades humanas, estabelece-se entre homens e natureza, unificados pelo trabalho consciente. Já os autores pioneiros no conceito moderno de *livelihoods* desenvolveram seus estudos financiados pelo IDS, instituto inglês fundado em 1966 com o objetivo de “entender e explicar o mundo, tentar mudá-lo, influenciá-lo, bem como para informar<sup>15</sup>”, que com uma combinação de pesquisa, ensino e comunicação, visa também desafiar convenções para gerar novas idéias que promovam novas abordagens para o desenvolvimento de práticas e políticas (IDS, 2009, p.1).

A identificação dos objetivos e propostas do instituto financiador, não indica em si uma raiz ideológica ou influência intelectual dos autores, mas denota seu aval e concordância com os estudos desenvolvidos, que em certo sentido influenciaram academicamente na disseminação do conceito de *sustainable livelihoods*<sup>16</sup>. Chambers (1983) já havia sinalizado tal caminho já no livro "*Rural development: putting the last first*" e nas discussões para elaboração do Relatório Brundtland (WCED, 1989), tema que segundo Scoones (2009) passou a ser definitivamente seu objeto de pesquisa a partir de 1987, o que levou ao autor a apresentar sua primeira definição de *livelihoods* como “adequado estoque e fluxo monetário para encontrar necessidades básicas” (CHAMBERS, 1989, p.5), definição ainda vaga por não indicar como estes estoques e fluxos monetários surgiriam (NIEHOF, 2004).

---

<sup>15</sup> Tradução nossa de: “*Its purpose is to understand and explain the world, and to try to change it – to influence as well as to inform*”.

<sup>16</sup> Meios de vida sustentáveis. Tradução nossa.

A maior inovação conceitual talvez esteja na utilização da palavra “capacidades”, utilizada por Sen (1996) no texto “*Iquality of What?*”<sup>17</sup> originário da Conferência Tanner de 1979, a qual teria a finalidade de separar a habilidade para satisfazer certos funcionamentos crucialmente importantes até certos níveis adequadamente mínimos. Ellis (2000), ao construir seu conceito de *livelihoods*, também credita a Sen (1996) a definição do termo “capacidades”, referindo-se à habilidade que os indivíduos têm para desenvolver seu potencial como seres humanos. Complementando o conceito de Chambers e Conway, Ellis (2000) atribui maior força às questões de acesso, particularmente considerando importante o impacto das relações sociais e das instituições que mediam a capacidade individual ou familiar para alcançar suas necessidades de consumo. Tem-se, assim, a conjunção das capacidades, dos ativos e sustentabilidade, em um só conceito na referência dos meios de vida, os quais não trazem em sua raiz ideológica as mesmas referências marxistas adotadas por Candido, embora Scoones (2009) reconheça que houve importantes contribuições de economistas marxistas, particularmente nos campos da agricultura e geografia econômica, os quais ofereceram apenas “mais um ponto de vista”.

Ainda assim, a riqueza interdisciplinar até o início do período Pós Segunda Guerra Mundial (ELLIS, 2000; HAAN; ZOOMERS, 2005, NEIHOF, 2004; SCOONES, 1998, 2009) é reconhecida como fértil em todo o mundo, em diversos países, influenciando profundamente o pensamento e prática do desenvolvimento rural. Mesmo não citando a America Latina especificamente (citam proto-experiências na África), os autores não descartam o surgimento de estudos e pesquisas baseadas na perspectiva dos meios de vida dado o contexto em que se vivia. Coincide tal afirmação com o período em que Candido realiza sua pesquisa, 1948-1954, e seu não devido reconhecimento exatamente por ser publicado em um cenário adverso às suas proposições (1964), conforme reconheceu mais tarde.

Candido é, portanto, “original” na composição do que compreende como “meios de vida”, captando a essência de Marx, assimilando experiências tais como a de Redfield (1941), na obra *The folk culture of Yucatán*, e de

---

<sup>17</sup> “Igualdade de que?” Tradução nossa.

Richards (1932), na obra *Hunger and work in a savage tribe*. Seu esforço ao analisar as transformações dos meios de vida do caipira não figura na genealogia da perspectiva *livelihoods*, nem é citada como uma experiência frutífera de um pesquisador no interior de um país latino americano, seja pelo desconhecimento de sua obra no exterior, seja pela não compreensão de que os seus “meios de vida”, mesmo não sendo “puramente” *livelihoods*, sejam indícios de que as contribuições teóricas a um determinado conceito podem brotar em diversas partes no mundo, não necessitando exatamente da mesma base ideológica ou de influências padronizadas.

Se há uma resposta objetiva, com base nos dados e informações utilizados neste artigo, os meios de vida propostos por Candido (2003) não eram e não são os mesmos *livelihoods* propostos por Chambers, Conway (1992), Ellis (2000), Scoones (1998, 2003, 2009), tratando-se de outra proposta, aplicada noutros contextos, sob outras óticas, embora com finalidades próximas, o que no entanto não a exclui da genealogia do conceito, ao contrário, inserindo-se em um de seus ramos e braços como experiências localizadas e bem sucedidas.

## 5. Considerações finais

O desconhecimento e não aprofundamento da obra *Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira brasileiro e a transformação dos seus meios de vida* no contexto internacional, ainda que Raul Antelo (2001) tenha publicado *Antonio Candido y los Estudios Latinoamericanos*, pelo Instituto Internacional de Literatura Ibero-Americana da Universidade de Pittsburgh (EUA), livro dedicado porém ao aspecto literário da obra de Candido, não impede a inclusão dos estudos incipientes dos “meios de vida” desenvolvidos pelo autor na sociologia rural e nos estudos do desenvolvimento rural no Brasil. Trata-se de uma obra muito comentada, entretanto pouco explorada enquanto pesquisa científica, não se relegando o grande mérito a quem provavelmente foi o primeiro cientista social a abordar o homem do campo e a pobreza rural sob a

ótica do que, a partir de Marx, chamou de “meios de vida”, preocupando-se já com as transformações sofridas na vida do caipira.

Separados por 38 anos (1954 – 1992), “meios de vida” e *livelihoods* trazem em si a mesma preocupação com o homem e a natureza, interconectados, indissolúveis e interdependentes, que mesmo com olhares diferentes em sua gênese, podem ser tratados, doravante, ao menos na utilização do termo em português, como simplesmente “meios de vida”, como forma de redimir-se ante a genialidade e o pioneirismo de um pesquisador brasileiro que talvez tenha como pecado histórico, como o próprio assumiu em entrevista, não publicar imediatamente sua obra, perdendo-se em parte o impacto mais ampliado que poderia alcançar (eis mais uma lição e exemplo de humildade científica). Porém, apesar dos desencontros históricos, a obra de Cândido é original e vai além da primazia do termo “meios de vida”, permanecendo como um genuíno conceito apropriado ao contexto rural brasileiro, com relevante capacidade explicativa à análise das sociedades, tanto tradicionais quanto modernas.

Conclui-se que as origens teóricas e conceituais do termo “meios de vida” não possuem a mesma gênese, e que sua correlação reside no uso de sua própria terminologia e na condição histórica de base dos estudos de Cândido, que podem incluí-lo na chamada genealogia que conduziu à concepção da perspectiva dos meios de vida atuais. Inversamente, também se pode concluir que, caso fossem continuados e aprimorados, os estudos de Cândido poderiam encontrar outros caminhos e conclusões, chegando-se a outro conceito de “meios de vida” além dos construídos pela escola inglesa. Trata-se de atribuir a cada autor, presumivelmente presentes no rico contexto citado por Scoones (2009) e Niehof (2004) nos anos 1950, sua devida importância nas teorias e processos do desenvolvimento rural, e que não estejam vinculados necessariamente às tradicionais escolas européias dedicadas a esta expressiva perspectiva dos “meios de vida”.

## Referências

- ANTELO, R. *Antonio Candido y los estudios latinoamericanos*. Pittsburgh: Instituto Internacional de Literatura Iberoamericana, 2001.
- CAMBRIDGE DICTIONARY. Disponível em: <http://dictionary.cambridge.org/>. Acesso em 03 jul. 2009.
- CANDIDO, A. *Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e as transformações dos seus meios de vida*. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2003, 10 ed.
- CHAMBERS, R. *Rural development: putting the last first*. London: Longman, 1983.
- CHAMBERS, R. "Vulnerability, coping and policy". In: CHAMBERS, R. (Ed.), *Vulnerability, Coping and Policy*. *IDS Bulletin*, v. 20, n. 2, p. 1-7. 1989.
- CHAMBERS, R. CONWAY, G. *Sustainable rural livelihoods: practical concepts for the 21st century*. *IDS discussion paper*, 296. Brighton: IDS, 1992.
- ELLIS, F. *Rural livelihoods and diversity in developing countries*. Oxford: Oxford, 2000.
- GIUMBELLI, E. "Para além do trabalho de campo: reflexões supostamente malinowskianas". In : *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v.17, n. 48, p. 92-107, fev. 2002.
- GOODFELLOW, D. M. *Principles of economy sociology: the economics of primitive life as illustrated from the Bantu peoples of South and East Africa*. Londres: Routledge and Sons, 1939.
- HAAN, L. de. *Globalization, localization and sustainable livelihood*. In: *Sociologia ruralis*, Oxford (UK), v. 40, n. 3, p. 339-365, july. 2000.
- HAAN.; ZOOMERS, A. "Exploring the frontier of livelihoods research." In: *Development and change*, Oxford (UK), v. 36, n. 1, p. 27-47, 2005.
- HOLANDA, S. B. *Caminhos e fronteiras*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957.
- \_\_\_\_\_. "Índios e mamelucos na expansão paulista". In : *Anais do Museu Paulista*, v. 13, p. 176-290, 1949.
- \_\_\_\_\_. *Monções*. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1945.
- IDS - INSTITUTE OF DEVELOPMENT STUDIES. *Strategy: Knowledge for a better world*. Disponível em: [www.ids.ac.uk](http://www.ids.ac.uk). Acesso em 08 jul. 2009.
- LEFEBVRE, H. *De lo rural a lo urbano*. Barcelona: Ediciones Península, 1971.
- LEVI-STRAUSS, C. *La vie familiale et des indians nanbikwara*. In : *Journal de La Société des Américanistes*, v. 37, p. 1-132, 1948.

\_\_\_\_\_. *Les structure ellementaires de la parenté*. Paris: Press Univeristaires de France, 1949.

\_\_\_\_\_. *Tristes trópicos*. São Paulo: Anhambi, 1957.

MALINOWSKI, B. *A scientific theory of culture and others assays*. Chapel Hill: The University of Carolina Press, 1944.

MARX, K. ENGELS, F. *A Ideologia Alemã*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

MARX, K. *Idéologie allemande. Ouvres philosophiques*, v. VI-IX. Tradução de Molitor. Paris: Alfred Costes Éditeur, 1937-1947.

NIEHOF, A. *The significance of diversification for rural livelihood systems*. In: *Food and Policy*, v. 29, p. 321 -338, jul. 2004.

PEIXOTO, F. Lévi-Strauss no Brasil: a formação do etnólogo. In: *Mana: Estudos de Antropologia Social*, v. 4, n. 1, p. 79-107, 1998.

PERONDI, M. *Diversificação dos meios de vida e mercantilização da agricultura familiar*. 2007, 237 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural – PGDR. Porto Alegre/RS.

PONTES, H. Entrevista com Antonio Candido. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v.16, n. 47, p. 5–30, out. 2001.

REDFIELD, R. *The folk-culture of Yucatan*. Chicago: The University Chicago Press, 1941.

\_\_\_\_\_. *The little community*. Chicago: The University Chicago Press, 1956.

\_\_\_\_\_. *The Role of Cities in Economic Development and Cultural Change*. Chicago: The University Chicago Press, 1954.

RICHARDS. A. I. *Hunger and work in a savage tribe: a functional study of nutrition among the Southern Bantu*. Londres: George Routledge and Sons, 1932.

SCHMIDT, A. História e Natureza de Marx. In: COHN. G (Org.). *Sociologia: para ler os clássicos*. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2005. p. 163-187.

SCOONES, I. WOLMER, W. *Livelihoods in crisis? New perspectives on governance and rural development in Southern Africa*. IDS Bulletin, v. 34, n. 3. 2003.

SCOONES, I. *Livelihoods perspectives and rural development*. Journal of Peasant Studies, v. 36, n. 1, Jan. 2009.

\_\_\_\_\_. *Sustainable rural livelihoods: a framework for analysis. IDS working paper*, Brighton, n. 72., p. 1-22, 1998.

SEN, A. *Capacidad y bienestar*. In: NUSSBAUM, M. SEN, A. (Org.). *La calidad de vida*. Ciudad de Mexico: Fondo de Cultura Económica, 1996.

TAMBIAH. S. J. Continuidade, integração e horizontes em expansão. *Mana: Estudos de Antropologia Social*, v. 3, n. 1, p. 199-219, 1997.

WITTGENSTEIN, L. *Observações filosóficas*. São Paulo : Loyola, 2005

WCED-WORLD COMISSION ON ENVIRONMENT AND DEVELOPMENT. *Our Commom Future*. Oxford: Oxford University Press, 1987.

**Artigo recebido para publicação em:**

20 de novembro de 2009.

**Artigo aceito para publicação em:**

11 de abril de 2010.

**Como citar este artigo:**

PEREIRA, Márcio de Araújo; SOUZA, Marcelino de; SCHNEIDER, Sérgio. Meios de vida e *livelihoods*: aproximações e diferenças conceituais. *Revista IDeAS – Interfaces em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade*, Rio de Janeiro – RJ, v. 4, n. 1, p. 41-62, jun./jul. 2010.